

HOLLY GRAMAZIO



SUMA
de libros

Para o Terry, o meu marido preferido

CAPÍTULO 1

O homem é alto, tem o cabelo escuro todo despenteado, e, quando ela regressa, já bastante tarde, da despedida de solteira de Elena, encontra-o à espera no patamar no topo das escadas.

Solta um gritinho e recua.

— O que... — brada, depois recomeça. — Quem é o senhor?

Ele suspira.

— A noite foi divertida?

Ela olha para os degraus alcatifados que conduzem ao homem e ao patamar mal iluminado. Está mesmo no apartamento certo, não está? Tem de estar: a chave funcionou. Bebeu uns copos a mais, mas não a ponto de cometer acidentalmente uma invasão de domicílio. Volta a recuar e, sem desviar os olhos do desconhecido, tateia a parede em busca do interruptor.

Encontra-o. Na súbita luminosidade, tudo está como deve ser: o ângulo das escadas, a cor creme das paredes, até o interruptor sob os seus dedos, a breve resistência antes do *clique*. Tudo exceto ele.

— Lauren — diz o homem. — Anda lá. Sobe, faço-te um chá.

Ele sabe o seu nome. Será o... Não, já passaram meses desde que levou para casa aquele tipo e era louro e tinha barba, não era este. Um assaltante? E como é que um assaltante saberia o seu nome?

— Se se for embora já — diz —, não apresento queixa.

La definitivamente apresentar queixa. Leva a mão à maçaneta da porta e tenta girá-la, o que exige bastante esforço, mas não desvia o olhar, em especial agora que... Oh, céus... está a descer as escadas. Recua para o corredor do prédio, depois dá uns passos cuidadosos até à porta principal, debatendo-se com ela até a conseguir também abrir e sentir o ar quente de verão denso nas suas costas. Sai e é salpicada por gotas de chuva irregulares — mas não se afasta tanto que não continue a vê-lo.

Ele percorre o corredor e depois fica parado na entrada, com a luz forte por trás.

— Lauren — diz o homem —, o que estás a fazer?

— Vou chamar a polícia — avisa ela, enfiando a mão na mala em busca do telemóvel, na esperança de ter ainda alguma bateria. O bolso onde o deveria encontrar está ocupado por um minúsculo gato, dentro do vaso pintado no ateliê nesse dia. Já o telemóvel ficou no fundo. Vê-o iluminar-se, enterra a mão na mala, agarra-o, retira-o para fora.

Mas, quando o faz, vê o ecrã bloqueado.

E: é uma fotografia de si própria, numa praia, de braço dado com o homem à sua porta.

Dois por cento de bateria, agora um. E a cara dele. Inequivocamente. E a dela.

Com a outra mão, retira o pequeno gato, prepara-se para o atirar.

— Não se mexa.

— Está bem — diz ele. — Está bem. Não saio daqui. — Dá alguns passos para o exterior, com os pés descalços. Ela olha com mais atenção: o rosto dele iluminado no seu telemóvel, o rosto dele na noite, à sua frente. Está vestido com uma *t-shirt* cinzenta e calças de xadrez macias. Não, não são calças, apercebe-se. É um pijama.

— Está bem — diz —, aproxime-se mais —, e ele obedece, com um suspiro, mais meia dúzia de passos, descalço no passeio,

e agora ela tem espaço suficiente para o contornar, dirigindo-se para a porta e passando as persianas fechadas do apartamento do rés do chão. — Não saia daí — diz, sempre virada para ele enquanto o contorna.

Ele vira-se, a observá-la. Ela passa pela porta, entra no átrio e arrisca um olhar em volta para confirmar: sim, a porta fechada da casa de Toby e de Maryam de um lado, a porta aberta do seu próprio apartamento atrás dela, as escadas de sempre, a casa certa.

— Lauren — chama o homem. Ela vira-se e grita, ele detém-se, mas dissera-lhe para não sair de onde estava, e ele movera-se! Fecha-lhe a porta do prédio na cara, depois entra rapidamente no seu apartamento e fecha e tranca a sua própria porta. — Lauren — repete ele da rua.

Volta a levar o dedo ao telefone para chamar a polícia, mas o aparelho ilumina-se — a cara do homem — e depois apaga-se. Ficou sem bateria.

Merda.

— Lauren — insiste, e ouve-se o som da porta do prédio a chocalhar. — Vá lá.

Ela sobe as escadas a correr, atravessa o patamar e precipita-se para a cozinha em busca do carregador. Tem de ligar a alguém, nem que seja a Toby, do rés do chão. Mas depois ouve passos, e o homem está a subir as escadas, e, não sabe como, entrou no apartamento. Ele *entrou no apartamento*.

Dá meia-volta e corre para a porta da cozinha.

— Saia daqui, foda-se! — diz para o patamar, segurando o cato com firmeza. Sente-se preparada. Se ele se aproximar mais, vai atirá-lo.

— Tem calma — pede o homem, chegando ao cimo das escadas. — Vou buscar-te água. — Depois dá um passo na direção dela, e ela fá-lo, atira o cato, mas o cato passa bem, bem longe dele e bate na parede e resalta e rebola para as escadas, *tunc, tunc, tunc-tunc-tunc*, acelerando pelos degraus abaixo na noite silenciosa e

detendo-se com um baque final contra a porta ao fundo. — O que é que se passa contigo? — diz o homem, com as chaves na mão. Foi assim que ele entrou: roubou-lhe as chaves suplentes. Claro. Talvez também tenha entrado no seu computador e alterado remotamente o seu telemóvel, e é por isso que ela tem a foto dele no ecrã de bloqueio. Será possível fazê-lo? — Pelo amor da santa! — exclama ele. — Senta-te de uma vez. Por favor.

Ele desliga a luz das escadas e acende a do patamar, o grande patamar quadrado para onde dão todas as divisões, o grande patamar cinzento por onde ela passa uma dezena de vezes por dia.

O patamar que está, por alguma razão, azul.

E com um tapete. Nunca tinha tido um tapete. Porque é que há um tapete?

Não consegue parar de olhar: o homem dirige-se para ela. Recua para o tapete, que lhe parece denso e macio mesmo por baixo dos sapatos, e avança até à porta da sala. Fica mesmo por cima do quarto de Toby e Maryam. Se ela gritar, raciocina, hão de ouvir. Mas, mesmo no escuro, alguma coisa parece errada na divisão.

Procura o interruptor.

Clique.

A luz cai sobre mais objetos estranhos. O sofá é castanho-escuro, e tem a certeza de que, quando saiu nessa manhã, era verde. O relógio de parede tem numeração romana, em vez de números normais, e a numeração romana é difícil de ler, VII, XIII, VVI. Tem de semicerrar os olhos para os focar. O velho vaso na prateleira tem túlipas lá dentro, a sua tosca linoleogravura de uma coruja desapareceu. Os livros são errados ou estão no sítio errado, as cortinas foram substituídas por persianas. A maior parte das fotografias está mal, e uma delas... uma delas está *muito* mal. Uma delas é de um casamento onde a protagonista — e ela aproxima-se, o nariz quase a colar-se ao vidro — é *ela*. E o homem.

O homem que entrou na sala atrás dela.

O marido.

Ela vira-se e vê-o com um grande copo cheio de água. Aceita o copo passado um momento e repara, pela primeira vez, num anel no seu dedo.

Transfere o copo para a mão direita e abre bem a esquerda à sua frente, vira a palma para cima, e o anel ainda lá está quando ela volta a fechar os dedos. Toca-lhe com a ponta do polegar. Hum.

— Vá — diz o marido. — Senta-te lá. Bebe isso.

Ela senta-se. O sofá tem a forma do costume, apesar da cor. E tem a mesma consistência irregular.

O marido senta-se também, na poltrona à sua frente, e ao princípio não consegue ver se também tem aliança, mas depois ele inclina-se para a frente, e lá está: a brilhar no dedo dele. Ele está a observá-la. Ela observa-o.

Está muito bêbeda, pensa, por isso, se calhar, está a escapar-lhe qualquer coisa óbvia. Mas tem na mão uma bebida que lhe foi dada por um homem que nunca viu na vida, e, na verdade, o facto de poder estar inesperadamente casada com ele deveria deixá-la ainda mais preocupada.

— Eu já... já bebo isto daqui a pouco — diz, cuidadosamente, claramente, pronunciando cada sílaba (embora pareça, de facto, haver mais sílabas do que o habitual).

— Está bem.

Se ele está no sítio certo, porque é que não está na cama?

— Porque é que não está na cama?

Ele suspira.

— Eu estava — responde o homem. — Não foste propriamente muito silenciosa a entrar.

— Não sabia que estava aqui!

— O quê? — exclama ele. — Olha, bebe lá a água, despe o vestido, eu ajudo-te a ires para a cama. Precisas que te puxe o fecho?

— Não! — exclama, agarrando numa almofada e colando-a ao peito. Merda. Nunca o tinha visto antes. Não vai despir o vestido à frente dele.

— Pronto, pronto, não... chhhiu, não faz mal, bebe lá a água. — O rosto dele está cansado. Faces redondas com um ligeiro rubor. — Tudo bem? — pergunta.

— Tudo — responde ela e depois, após uma pausa: — Eu durmo aqui. Para... para não incomodar. Pode ir.

— Queres ir para o quarto de visitas? Tiro as coisas de cima da cama...

— Não — diz ela. — Não. Fico bem aqui.

— Está bem. Vou buscar o teu pijama. E o edredão.

Ela mantém-se direita, ainda cautelosa, quando ele sai e volta a entrar. O pijama é um dos seus velhos, que comprou no Sainsbury's, aquele com os Moomins, mas o edredão é outra coisa nova: com quadrados azul-escuros e azul-claros, alternadamente, organizados como um *patchwork*, mas só impressos. Não gosta dele.

— Eu sei, mas vê as coisas desta maneira — justifica-se o homem. — Se vomitares em cima dele, vais ter finalmente uma desculpa para o deitar fora.

Aquilo não faz sentido, o «finalmente», mas é tudo tão intenso, tão confuso, e ela já não quer discutir. A sala zumbe suavemente.

— Está bem.

Parecem estar a revezar-se a dizer «está bem» e a suspirar ou a esperar, o que talvez seja aquilo que o casamento significa; é a primeira vez que o experimenta.

O marido acende um candeeiro e depois apaga a luz do teto.

— Ficas bem? — pergunta. — Queres uma torrada?

— Comi batatas fritas. — Ainda tem o gosto na boca. — E frango. — É vegetariana, mas não quando se embriaga.

— Está bem — diz ele mais uma vez. — Bebe a água — acrescenta mesmo antes de fechar a porta.

Ela ouve-o na cozinha, depois no quarto e depois mais nada. Bom.

Dirige-se para a porta e fica à escuta por uns segundos. Silêncio no patamar e por todo o apartamento. Ela veste o pijama, passo a passo, como se estivesse no balneário de uma escola: primeiro os calções por cima das cuecas, depois o vestido sai por cima da cabeça, depois a parte de cima do pijama por cima do *soutien*, depois desaperda o *soutien*, os braços contorcem-se um a um até o conseguir tirar triunfantemente pela abertura de uma manga, momento em que se desequilibra e cai para trás no sofá com um ruído surdo, e depois um mais estridente quando o telemóvel inútil cai de cima das almofadas para o chão.

Estaca, à espera para ver se o marido regressa. Nada.

Um rangido, talvez. Um camião ou um autocarro lá fora, na estrada principal.

Pelo menos agora está sentada.

Outro motor de automóvel no exterior. Talvez um comboio, um pouco mais distante, embora seja demasiado tarde para isso. Talvez o tenha imaginado e tenha imaginado o marido também.

Se não imaginou o marido, está um homem desconhecido na sua casa. Obriga-se a levantar-se de novo, mesmo a cambalear. Passos silenciosos até à mesa ao canto, depois pega numa cadeira e leva-a — devagar, muito devagar — para a porta. Nunca tinha feito aquilo antes, mas já o viu em muitos filmes: encaixa-se a cadeira ali e a porta fica presa, certo? Pousa-a, inclina-a, enfia as costas da cadeira debaixo do puxador. Precisa de fazer algumas tentativas, mas finalmente consegue, a cadeira fica presa, olha para ela e vai sentar-se no sofá a pensar no que fazer a seguir, e então adormece.

CAPÍTULO 2

Acorda para descobrir que se sente menos embriagada e em muito, muito pior estado.

A sala está toda iluminada, as lâminas das persianas inclinadas de forma a deixar entrar uma luz quente, que torna tudo amarelo.

Levanta-se. Corre quase bem. Olha em volta. A cadeira que usou para se barricar na noite anterior está deitada ao lado da porta nada bloqueada, mas entreaberta, deixando entrar os ruídos do resto do apartamento: passos, qualquer coisa a bater.

O marido.

Não se sente no seu melhor, mas pega no telemóvel sem bateria, endireita a cadeira caída e espreita para fora. O som vem da cozinha.

Atravessa rapidamente o patamar, entra na casa de banho em bicos de pés e tranca a porta. Hesita entre esvaziar a bexiga e vomitar; decide dar prioridade à segunda opção, e debruça-se para a sanita cedendo ao crescente impulso de um bom e ébrio gregório.

A dor de cabeça dissipa-se de imediato, e a náusea diminui, deixando no seu lugar uma gloriosa lucidez que sabe que irá durar vinte minutos, no máximo, antes de o seu corpo perceber que tem questões pendentes a resolver. No lavatório, enxagua a boca com água, cospe-a, depois volta a encher a boca e desta vez engole a água. Quer muito lavar os dentes, mas no canto do lavatório estão duas escovas desconhecidas, uma amarela e outra verde. Pronto, pasta de dentes no dedo.

Há muito tempo que não bebia tanto.

— Lauren? — chama o marido do outro lado da porta, tão perto.

— ... Sim — diz. — Só um minuto.

— Vou preparar o pequeno-almoço.

Fica a olhar para a porta, à espera de o ouvir afastar-se, e depois lava a cara, limpando os últimos vestígios das purpurinas e do rímel. Despe também a parte de cima do pijama e limpa-se com uma toalha de flanela: rosto, ombros, debaixo dos seios, debaixo dos braços. Pode tomar um duche quando tiver percebido que história é aquela do marido.

As roupas da noite anterior estão no cesto da roupa suja. Ele deve ter passado pela sala quando ela estava a dormir e recolhido tudo. O vestido só pode ser limpo a seco, e o cesto da roupa suja é um sítio absolutamente errado para ele, mas por baixo encontra o *soutien* da noite anterior e uma camisa de homem, uns *boxers*, uma camisola cinzenta que reconhece como sendo dela e um par de *leggings* que não reconhece de todo. *Soutien*, camisola, depois troca as calças do pijama pelas *leggings* e olha-se ao espelho.

Corretor? Rímel? Não. Não vai para um encontro: está a tentar descobrir porque é que aquele homem está na sua casa. Já está limpa, ou mais ou menos limpa, e isso basta.

Destranca a porta.

O marido (casaco de malha, calças) está na cozinha, onde as paredes não são do amarelo de que se lembra, mas do mesmo azul do patamar. A sua torradeira (igual), uma máquina de café (nova), uma mesinha minúscula com dois bancos encostados à parede (novos). Está alguma coisa a fritar no fogão.

— Estás viva — comenta o marido quando ela entra. — Toma — acrescenta, e passa-lhe um café, antes de se virar para a máquina para fazer o outro. — O *bacon* está quase pronto.

— Sou vegetariana — diz ela sem convicção.

— Não há ateus nas trincheiras — replica o marido.

Está um carregador ligado à parede, com o fio enrolado na mesinha. Ela senta-se no banco do outro lado e liga o telemóvel. Ele monta uma sanduíche e põe-na à frente dela, na mesa.

Se fosse um assassino, podia tê-la assassinado na noite anterior e pronto. Esperar até à manhã seguinte e assassiná-la com uma sanduíche de *bacon* seria uma forma bastante rebuscada de o fazer. E, quando ela dá uma dentada, a sanduíche está boa, mesmo boa: estaladiça, salgada, amanteigada, com a textura do pão fresco, o odor do molho. Já tinha começado a evitar a carne de porco mesmo antes de se tornar vegetariana; os porcos são tão inteligentes como um ser humano de três anos, ouvira uma vez dizer, no mesmo dia em que fora à festa do terceiro aniversário do sobrinho Caleb, e isso fora decisivo. Mas deitar fora aquela sanduíche não salvaria nenhum porquinho. E, pela quarta ou quinta dentada, está a sentir-se um pouco melhor.

— Então — diz o marido, sentando-se à sua frente com a sua própria sanduíche. — A noite foi divertida?

Fora uma noite muito divertida. Lembra-se de ter pintado os vasos de catos naquela lojinha, depois de beber enquanto os vasos secavam, depois de um grande jantar, e *karaoke*, e um bar, e depois de estar a dançar, e mais copos, e de ter enfardado batatas fritas ao fim da noite, salgadas e gordurosas, enquanto Elena tirava fotos de ambas a posar nos espelhos do restaurante de frango frito, com as luzes quentes na noite que arrefecia. Lembra-se de Elena lhe prometer não a abandonar por causa da sua vida de pessoa-casada com coisas de pessoa-casada, «tu sabes que nunca seria capaz». Lembra-se de subir para o andar de cima do autocarro noturno para Norwood e de se ter sentado e visto a Lua impossivelmente grande no céu. Lembra-se de observar Londres por entre a chuva de verão à janela, com as luzes do trânsito, e os desconhecidos, e os *kebabs*, e a grande ponte, e a longa viagem até às ruas onde a cidade relaxa e se estende pelos subúrbios.

E depois: de chegar a casa e encontrar o marido.

— Foi — responde. Como é que funciona uma conversa com um marido? — Então e tu? O que é que fizeste?

— Fui nadar — diz ele. — Arrumei umas coisas. Ajudei o Toby a arranjar aquela janela, para não terem problemas com o senhorio. — Muito bem, pensa ela, o marido conhece o Toby. Ele continua: — Arrumei finalmente aquelas caixas no sótão. Sou capaz de tratar do canteiro dos legumes hoje.

O tipo parece bastante diligente. Ela não tem nenhum canteiro de legumes, mas talvez ele tenha trazido algum consigo. Todo o apartamento se tornou um passatempo de descobre-as-diferenças: tem mais livros de cozinha, a amolgadela na parede do dia em que abriu a porta com demasiada força desapareceu, uma lâmpada continua torta no casquilho. O vaso com o cato que pintou na véspera encontra-se no parapeito da janela, com o cato plantado todo torto lá dentro. O marido deve tê-lo ido buscar ao fundo das escadas. Até parece simpático.

O que não impede que a sua presença ali seja perturbadora.

O homem apareceu quando ela estava fora de casa. Será que, se ela sair e voltar a entrar, tudo regressará ao normal?

— Eu vou... vou dar uma volta. Espairecer — experimenta dizer.

— Queres companhia?

— Não, estou bem. — Pode ser que alguma coisa lhe esteja a falhar e que, depois de apanhar um pouco de ar, tudo passe a fazer sentido.

Procura as meias, os sapatos, as chaves. Regressa à cozinha para ir buscar o telemóvel, que tem agora trinta por cento da bateria. O marido está a mastigar alegremente o que resta da sua sanduíche. Ela abre o frigorífico para ir buscar a *Cola* que a vai ajudar com a ressaca, mas só há uma lata de água com aroma de toranja. Que seja.

Desce as escadas, sai do edifício e olha para a casa. Aquelas persianas novas.

O resto da rua. Casas, um contentor vazio a meio caminho da estrada principal, árvores e as suas folhas verdes. Afasta-se da casa, contando vinte passos, depois olha para trás: as persianas ainda ali estão.

Quando chega à esquina, vê a paragem de autocarro da noite anterior. Tanto quanto consegue perceber, é a mesma de sempre. Atrás, a bomba de gasolina, e miúdos a falar uns por cima dos outros, com as bicicletas encostadas a uma parede. Ela atravessa a estrada, senta-se no banco torto da paragem e tira o telemóvel do bolso.

O ecrã de bloqueio ainda a mostra a ela e ao homem, a posarem juntos, o mar por trás.

Toca no ecrã, que lhe pede um código. Talvez este também tenha mudado; mas, não, o telemóvel desbloqueia com o código que já usa há anos.

Abre primeiro as fotos e procura as da noite anterior. A viagem de autocarro, o restaurante de frango frito, o bar, o outro bar, o ateliê de cerâmica com os vasos de todas as participantes alinhados, o de Elena com o padrão de diamante, o de Noemi com os seus elegantes pénis entrelaçados. Muito bem. Depois filtra a aplicação para mostrar apenas as *selfies*, percorrendo as do último ano: algumas sozinha, mas mais dela com o marido, de olhos semicerrados contra a luz do Sol. Mais para trás: ele ainda ali está, a aparecer nas fotos. Ele com barba. Depois sem. Os dois numa colina. Os dois junto a uma árvore. Os dois à frente de um cisne; o cisne aproxima-se; ela está a tentar dar de comer ao cisne; o cisne não parece contente.

Ergue o olhar, pensando em como tudo aquilo é surreal, o rosto do homem no seu telemóvel contra a luz do Sol. Um dos miúdos na bomba de gasolina pontapeia uma garrafa de plástico pelo pavimento enquanto o outro fica à baliza. Um táxi encosta do outro lado da rua e deixa alguém sair.

Ela vai ver as suas mensagens: muitos corações para Elena, «ADORO-TE E SEI QUE VAIS SER MUITO FELIZ», e uma foto dos seus

reflexos no restaurante de frango frito com uma legenda a dizer «Deve ser difícil para toda a gente saber que somos tão lindas». Noutro *thread*, Lauren descobre que enviou um «QUASE EM CASA VEJOTE CASA SIIM OLÁ QUASE» a — ah, cá estamos nós — um Michael.

O marido chama-se Michael. Começa a ler as mensagens.

Mais uma, que lhe enviou há dois dias: «Limões, detergente para loiça, obg!»

Outra: uma fotografia de uma pera com uns grandes olhos esbugalhados lá espetados.

Uma dele, uns dias antes: «Quase a chegar vejo-te dentro de 5 minutos.»

Quando faz uma pesquisa nas suas próprias mensagens por «Michael», descobre que o menciona constantemente a toda a gente: o Michael viajou em trabalho, o Michael está a treinar para a meia-maratona, por isso não pode ir ao *pub*, o Michael leva *panzanella* para a churrascada. O Michael isto, o Michael aquilo. Ninguém respondeu com um «Mas quem é o Michael?».

Bom. Se as amigas sabem dele, talvez alguma lho possa explicar.

Encontra Toby no telemóvel; o marido mencionou-o, e ele vive no andar baixo; deve saber o que se passa. «Ei», escreve, «sou casada»

Uma resposta quase imediata: «Tanto quanto sei», diz ele. «Miúdo alto, cara simpática. Vive contigo. Tu sabes»

«OK quando é que casámos»

A resposta: «14 de abril. Isto é um *quiz*? Ganhei?»

Catorze de abril. Desse ano? Há um par de meses, neste caso. Não havia nenhuma foto de casamento na sua galeria, mas ela procura agora nas mensagens e acaba por encontrá-las, enviadas à mãe: «Estas são as primeiras — o fotógrafo vai mandar o resto dentro de um mês ou dois.»

E, depois, quatro fotos.

Primeiro uma de grupo, aquela que viu na sala. Ela com um vestido creme, mangas compridas, saia em viés até meio da barriga da perna, sapatos rosa de saltos altos, um ramo de flores cor-de-rosa (não são rosas, outra coisa qualquer). Sem véu. O marido, Michael, de fato castanho-escuro. A mãe dela. A irmã e Elena e uma mulher que não conhece são as damas de honor, vestidas de diferentes tons de verde. Desconhecidos: amigos e família dele.

A fotografia seguinte: só ela e o marido a dançar. De olhos nos olhos. Ele a sorrir, ela séria.

A seguinte: a assinatura dos documentos.

E a última: outra vez ela e Michael, a beijarem-se. Leva os dedos aos lábios. Estão secos.

Então, ela teve um casamento.

É casada. Tem um marido, que está no apartamento.

Aparece uma mensagem dele no ecrã, como que para o confirmar: «Oi, se passares por uma loja, podias trazer uma lâmpada? De enroscar, não baioneta.»

Quase deixa cair o telemóvel — é como se ele a tivesse apanhado a espia-lo —, mas acalma-se e responde «Tudo bem». É o tipo de coisa que se deveria dizer, certo?

OK, o que mais? Primeiro, procura «Michael» no seu *e-mail* e encontra um apelido: Michael Callebaut.

Então parece que ela também se tornou uma Callebaut. Bom. É uma melhoria em relação a Strickland.

Pesquisa o marido no Google, mas há montes de Michael Callebaut, por isso acrescenta «Londres» e percorre as imagens obtidas. Céus, será que se lembra sequer da cara dele? Sim: ali está ele, a olhar para ela, um retrato sobre um fundo de pedra.

É de um ateliê de arquitetura que o inclui a meio da sua página «Sobre». A página da empresa tem fotografias de igrejas, uma biblioteca, um salão na Câmara Municipal, um recinto de feiras. Não percebe se se trata de fotos reais de coisas que

construíram ou de simulações de computador de coisas que imaginaram.

Mas um arquiteto! Que profissão perfeita para um marido. Ambiciosa mas concreta, artística mas prática, glamorosa mas sem um problema generalizado de drogas. Não admira que ele tivesse reparado a amolgadela na parede da cozinha e plantado um canteiro de hortaliças. Espera lá, talvez o emprego dela também seja diferente neste novo mundo. Vai verificar, mas não: ainda é consultora de negócios no município, persuadindo empresas a mudar-se para Croydon e ajudando os residentes locais a pôr de pé novos projetos. A sua agenda tem os eventos realçados a azul em vez de verde, mas, de um modo geral, são as mesmas reuniões, talvez numa ordem diferente.

Ainda assim. Muitas outras mudanças a ter em conta. «Lauren Callebaut», diz em voz alta, experimentando a sonoridade. Abre a lata de água e bebe um gole. É metálica e desagradável, insípida e amarga ao mesmo tempo, mas bebe mais um pouco. Talvez seja isto a sua nova vida: agora bebe água de toranja.

Volta para trás lentamente, cuidadosamente, passando pela bomba de gasolina para comprar uma lâmpada, demorando-se e parando um momento à esquina da sua rua, para tentar oferecer à normalidade uma hipótese de se restabelecer; mas, quando se aproxima da casa, continua a ver, nas janelas da sala, aquelas persianas no lugar das cortinas que tinha na véspera.

A porta de entrada: não. Ainda não. Dá antes a volta para a viela lateral, passa pelos caixotes do lixo, observa a casa pelas traseiras, olha para cima e vê as janelas do quarto e da cozinha, reparando num jarro de cerâmica que nunca tinha tido no interior do parapeito, cheio de utensílios.

O jardim mudou um pouco. O lado de Toby e Maryam, visível através da vedação baixa, está como sempre, um espaço começado entusiasticamente, mas de manutenção errática. A sua

metade — sua e de Michael, corrige-se — parece um pouco melhor do que o costume, com o canteiro de hortaliças ao fundo (é mínimo, com umas ervilhas e uma alface). Uma fileira de flores rosadas ao longo da cerca. Uma taça meio cheia de ração seca perto da torneira de exterior. Tem um gato. Ou será Michael que tem um gato? Têm um gato juntos?

«Como se chama o meu gato», pergunta numa mensagem para Toby.

Depois escreve também à irmã, Nat, «Pergunta rápida, o que achas da minha relação», e a Elena, «Aconteceu-te alguma coisa estranha quando chegaste a casa ontem à noite?»

Recebe logo uma chamada de Nat e atende, mas afinal é Caleb com o telemóvel de Nat.

— Tia Lauren! — diz ele. — Queres ouvir enquanto eu faço karaté?

Ouve ruídos de agitação do outro lado e um grito e um baque.

— Caleb — chama. — Caleb. A mamã está aí?

— Não! Está a dar banho à Magda! Vou fazer outra vez o pontapé.

Neste ponto, já qualquer adulto lhe serve.

— E a mãe?

— Não! Elas dizem que dar banho à Magda é trabalho para duas! Ouviste isto?

Céus, ela adora aquele miúdo, mas não é uma boa altura.

— Caleb. Tenho de ir. Devolve o telemóvel à mamã, sim? E diz-lhe para me ligar. Podes enviar-me um vídeo do karaté, está bem?

— Eu dou-lhe o telemóvel se chamares o tio Michael! — diz Caleb. — O tio Michael ouve-me sempre.

Hum. Talvez Caleb tenha mais a contribuir para aquilo do que pensara.

— Sim. Caleb. O que é que me dizes do tio Michael?

— Ele adora quando lhe mostro os meus melhores pontapés — diz Caleb num tom determinado. — E o dinossauro preferido dele é o *triceratops* e o pássaro preferido é o cisne.

— E estás com ele muitas vezes?

— Sou o sobrinho preferido dele!

— Caleb. Lembras-te do casamento? Quando eu e o tio Michael nos casámos?

— Foi aborrecido — responde. — Diz ao tio Michael para me ligar para vir ver uns pontapés. — E desliga.

Ela olha para o telemóvel.

— Estás bem? — pergunta Toby do outro lado da cerca. Está nos degraus da porta das traseiras, com o telemóvel na mão. Voz segura, grande covinha no queixo, *t-shirt* largueirona. É bom ver que nem tudo mudou.

— Sim — diz —, é só que... ontem não tinha marido. E agora tenho um marido há meses? Que gosta de praticar pontapés com o meu sobrinho? Quero dizer, tanto quanto consigo perceber, até é perfeitamente agradável.

— Gosto dele. — Toby sempre foi bom a lidar com as coisas com calma. Durante os confinamentos, enquanto Maryam estava no hospital, os dois tinham passado muito tempo juntos nos respetivos jardins, a beber chávenas de chá e a tagarelar em voz baixa, e ele tornara-se alguém em quem podia confiar, com a sua presença tranquila, um conforto no meio de toda a estranheza. Agora, sabe-lhe bem dizer em voz alta o que lhe aconteceu.

— É muito surpreendente — diz ela. — E parece que temos um gato...?

— Sim.

— Como é que se chama?

— *Gladstone* — diz ele.

— Como o primeiro-ministro?

— Sim, por causa das patilhas, foi o que tu disseste.

Lauren tem a certeza de que não sabe como são as patilhas de Gladstone. O que foi que Gladstone fez? Até que ponto era racista? Ela tem um gato problemático? Mas este talvez não seja o seu problema mais urgente.

— Há quanto tempo ando com o Michael?

— Espera, a sério que não te lembras? Estás com... Tu magoaste-te? Queres que chame a Maryam?

— Não, eu estou bem — responde. — Não preciso de um médico. Estou só a brincar, esquece, está tudo bem.

Volta para a frente da casa e hesita de novo. A porta principal, o corredor de tijoleira, a sua própria porta, as escadas.

— Olá — chama, indecisa, e o marido espreita do patamar.

— Bem-vinda — saúda. — Foi bom, o passeio?

— Sim — diz ela. — Foi. — Sobe as escadas, um degrau de cada vez.

— Trouxeste a lâmpada? — pergunta o marido.

— Ah — diz ela e enfia a mão no saco, estendendo-lhe a lâmpada quando chega ao topo. — Sim, toma.

Vai ter de contar a alguém o que aconteceu, pensa. Talvez tenha até de o contar a este homem, a este marido. Mas, primeiro, precisa de se sentar um pouco.

— Queres um chá?

— Boa ideia — diz ele. — Dá-me só um segundo. A lâmpada do sótão pifou quando estive lá em cima ontem. Deixa-me só trocá-la, antes que me esqueça.

— Sim, está bem. — Ela dirige-se para a cozinha enquanto ele fica no patamar e puxa a escada para baixo. Ouve-o desviá-la para um lado no ponto que a faz trancar, como se já vivesse ali há anos. No frigorífico, é confrontada com três leites diferentes em fila: aveia, caju, vaca. Céus, e se ele bebe o chá simples? Afinal de contas, é arquiteto. Vai ter de perguntar; se ele achar esquisito, paciência. Talvez seja uma forma de introduzir uma

conversa que ainda não sabe como pode começar. — Queres leite? — pergunta alto, saindo para o patamar com a chávena azul nas mãos.

— O quê? — diz o homem completamente diferente que desce a escada do sótão.

CAPÍTULO 3

O segundo homem é ainda mais alto do que o primeiro, e mais entroncado. Tem o cabelo curto e a linha de testa irregular de quem está a perder o cabelo cedo e não se conforma com o facto, mas é espantosamente atraente, com as maçãs do rosto salientes, a pele morena impecável, uma *t-shirt* verde-escura a moldar-lhe o tronco.

— Eeh — diz ela, a olhar-lhe o rosto e depois os antebraços (que antebraços!). Também ele tem uma aliança no dedo.

— Isso é para mim? — diz, acenando com a cabeça para a chávena. Um ligeiro sotaque: turco, talvez?

A chávena nas mãos dela é amarela com finas linhas pretas.

— ... Sim?

— Boa — diz ele. Tem pestanas pretas.

Ela não se mexe.

— Estás bem? — pergunta o atraente marido talvez-turco passado um momento. As suas sobranceiras imaculadas expressam preocupação.

Ela olha para o sótão, em busca de Michael, e depois novamente para o patamar. As paredes — normalmente cinzentas, mais recentemente azuis — estão brancas. Dá um passo atrás e espreita a sala. A fotografia do casamento desapareceu.

— Ainda estás de ressaca? — pergunta o homem.

— Não — mente ela, e volta de novo a atenção para ele.
— Estavas no sótão?

— O quê? Sim. Tu viste.

— Estava lá mais alguém?

— Onde?

Ela olha para o quadrado escuro.

— Lá em cima. O Mich... Estava mais alguém no sótão?

— O quê, um esquilo? Ratos? Não me parece. Queres que vá ver? — Está parado com uma mão nas escadas, a oscilar entre a irritação e a preocupação.

Ela ainda tem a chávena quente nas mãos.

— Sim — responde.

— Tens a certeza de que estás bem?

— Sim. Sim, se puderes ir verificar, por favor.

O marido comprime os lábios bem torneados e volta a subir os primeiros degraus, continuando depois para cima, para cima, até ao cimo, os pés descalços (sem calos, perfeitos) a desaparecerem perante os olhos dela. Há um momento de movimento e luz acima dela, como um raio de sol nas janelas de um comboio, e qualquer coisa a crepitar.

Um momento depois, um felpudo chinelo azul emerge na porta do alçapão. E outro.

Hum.

O terceiro marido é menos atraente do que os dois primeiros, com uma cabeça retangular e um escaldão no nariz pálido. O cabelo castanho-arruivado está espetado em todos os ângulos. Ela continua a segurar a chávena (agora é cor-de-rosa). Tem as mãos quentes; muda-as de posição. Os chinelos dele têm pintas roxas e garras pretas, e ela pensa que podem ser dos *Monstros e Companhia*.

— Temos mesmo de limpar aquilo ali em cima. — Pela voz, o homem é, talvez, galês, Lauren não tem a certeza. Deixa cair um saco ao chão e, sem esperar por resposta, volta a subir até meio das escadas, traz outro saco que deve ter deixado junto da abertura e sobe de novo, desta vez entrando por completo. Outro momento de luz brilhante, e depois escuro, e um som, como

uma distorção. E uns segundos mais tarde — e quase não é uma surpresa, desta vez — outro homem novo exclama:

— Lauren, Lauren, olha o que eu encontrei. — A voz é alta e afetada, como um professor entusiasmado. — É a coisa mais impressionante. É extraordinário.

Desta vez, os pés que emergem estão novamente nus, como os tomates e como o rabo surpreendentemente branco que os segue. Ela recua dois rápidos passos quando o dono do rabo acaba de descer e se vira para ela, abrindo os braços. Este marido é mais baixo do que os outros e extremamente magro, excetuando aquelas nádegas notáveis, com canelas ossudas, costelas salientes e um pénis estreito mas muito comprido, para onde ele está a apontar com ambas as mãos.

— É um pénis! — diz.

Ela olha. Enquanto o homem aponta, vê que ele também tem uma aliança. Mais nada no corpo.

— Não achaste graça? Vá lá, estou despido! — Vendo que ela não reage, espera um momento e depois diz outra vez, no mesmo tom excitado e informativo: — Pénis! — Desta vez abre os dedos de cada um dos lados, *ta-raa*, e agita-se para o fazer balouçar de um lado para o outro.

Lauren muda a posição das mãos na chávena, pronta para lhe atirar chá quente para cima, se ele se aproximar mais.

— Podemos levá-lo ao *Antiques Roadshow* — diz o marido, a agitar-se. — Um belo espécime, muito bem modelado, em excelente estado, é muito raro encontrar-se neste tamanho. — Para ser justa, o pénis é, de facto, extraordinariamente longo.

Lauren está dividida entre querer ir ver o sótão e não querer aproximar-se mais do sótão nem daquele homem nu. Opta por não fazer nada.

— Uma peça excecional — acrescenta o homem, imperturbável. — Não? Ainda não tem graça? Deixa lá, espera só um minuto, encontrei outra coisa. — E volta a subir.

E felizmente não chega a descobrir a fase seguinte daquela piada. Em vez disso: o zumbido, a luz, e o homem que desce trinta segundos depois está totalmente vestido com calças de ganga, uma *t-shirt* e até um avental, que, quando o seu dono se vira, diz «É ASSIM QUE UM FEMINISTA COZINHA». Pontas de cabelo cor-de-rosa, e ela não sabe o que pensar disso, mas lidará com o cabelo depois de lidar com o homem.

— Não — diz ele. — Não encontro.

Ela ainda tem a chávena nas mãos. Estende-lha num gesto automático quando o homem dá um passo na sua direcção.

— Obrigado — agradece, aceitando-a. — Não temos leite?

— Esqueci-me — desculpa-se ela.

Sente-se lenta, ainda está a tentar perceber o que se passa, mas o apartamento surge novamente diferente, há outra alcatifa debaixo dos seus pés; está tudo a mudar o tempo todo, mas é sempre nas suas costas; o seu olhar mantém tudo no lugar até ela o desviar, e quando se vira é como se alguém tivesse virado uma carta, ou puxado uma alavanca, para expor um novo mundo.

O marido do avental leva o chá para a cozinha, e ela ouve-o abrir o frigorífico. Depois observa a sala, as paredes novas e o sofá e os livros.

— Estás bem? — pergunta o marido, voltando para o pátio, cujas paredes, agora que ela lhes virou as costas e se voltou de novo, adquiriram um pálido tom de laranja. — O que é que se passa?

Ela olha para a abertura do sótão.

— Pareceu-me ouvir alguma coisa — diz —, talvez um esquilo —, acrescenta, copiando desavergonhadamente o marido das pestanas e dos antebraços. — Podias ir ver?

— Merda, a sério? Céus, espero que não sejam outra vez ratanas. — O marido pousa o chá agora leitoso no radiador e volta a subir as escadas, parando a meio. — Como é que era o som? — pergunta.

— Um chilrear — replica ela firmemente. — É muito plausível — acrescenta, porque é mesmo.

— Acho que as ratazanas não chilreiam — diz ele, num tom de dúvida, e torna a subir.

O som, o denso som branco. Ela fixa o olhar em frente, os olhos focados na parede laranja-pálida, com um cartaz *vintage* de publicidade dos caminhos de ferro: «THE MATLOCKS PARA UMAS FÉRIAS DESCANSADAS, SERVIÇOS EXPRESSO & PREÇOS BAIXOS.» Se a mudança voltar a acontecer, irá apanhá-la.

Há música a tocar atrás dela na sala, qualquer coisa antiga, um homem a cantar. Não deixa que isso a distraia. Mantém-se concentrada, mesmo quando os passos por cima da sua cabeça se dirigem para a porta do alçapão, e, pelo canto do olho, há umas calças com padrão a descer, mas ela continua a olhar para a parede em frente, tentando apanhar o mundo em flagrante; depois o homem empurra a escada para cima, e ela não consegue evitar, desvia o olhar para ele. Negro, elegante, com óculos, o padrão das calças é um xadrez verde. Quando volta a olhar para o póster, transformou-se numa gravura emoldurada de um cone de gelado fluorescente. As paredes são cremes.

— Podes deixar o escadote? — pergunta ao novo marido, de mangas da camisa enroladas para cima, sem aliança; talvez ele a tenha tirado para fazer as tarefas domésticas.

— OK — responde, puxando-o de novo para baixo. — Só uns minutos, sim? Está calor lá em cima, não queres que a casa toda aqueça.

— Sim, sim — diz ela.

O seu telemóvel: o ecrã de bloqueio, desta vez, é uma foto da sobrinha e do sobrinho. Uma mesinha no patamar: sem cartas, mas uma carteira que ela abre rapidamente. Encontra um nome, Anthony Baptiste, e um cartão de doador de órgãos.

— Anthony — chama.

— Sim? — diz ele da sala.

Dirige-se para a escada, toca-lhe.

— Sim? — repete ele. — Disseste alguma coisa?

Vai filmar, pensa, gravá-lo a subir e depois outra pessoa a descer. Obter alguma prova.

— Vai lá ver outra vez o sótão — pede ela, com a voz firme.

— O quê? — estranha ele. — Porquê? Vai-me cair um balde de água em cima da cabeça?

— Não. Não vai acontecer nada. Só preciso que vás lá ver.

— Porquê?

— Está tudo bem — diz ela. — É... é uma surpresa. Um presente. Vais perceber dentro de um momento. — Está definitivamente a prometer demasiado, com o poder explanatório do sótão, mas consegue fazer um sorriso.

— Não é nenhuma aranha de brincar gigante, pois não? Sabes que não aguento sustos.

Estranhamente nervoso é um dos seus tipos de homem, de facto. Ela gosta de homens nos extremos da confiança, homens que sabem o que querem e confiantes de que o conseguem ou com pavor de o não conseguirem; consegue imaginar-se atraída por aquele homem.

— Não — diz ela. — Vais adorar. Nada de aranhas de brincar. — Pode estar a atirar-se contra um canto de onde não terá forma de sair, mas as evidências, até agora, sugerem que simplesmente não terá de o fazer. — Vais ficar tão feliz — acrescenta, cheia de promessas. — Ando a planear isto há meses.

Anthony deixa que o sobrolho franzido se desfaça num sorriso confuso e olha de relance para cima; depois passa-lhe a chávena e sobe, enfiando a cabeça pela porta do alçapão. Depois um pouco mais.

— O que devo procurar? — diz, a meio caminho.

O corpo dele estica-se para cima, emoldurado pelo sótão; ela toca no botão do telemóvel, começa a filmar.

— Continua. Mal posso esperar por que vejas. É a melhor coisa que já fiz para ti.

Ele volta a subir. Mais uma vez, um pé lá dentro, e depois, finalmente, finalmente, o outro pé desaparece de vista. O sótão ilumina-se, e desta vez ela vê que a luz vem da lâmpada nua pendurada no teto. Primeiro acende-se, iluminando as vigas de madeira no interior do telhado, depois apaga-se.

— Olá? — chama ela, imagina, outro homem, outro marido.

Recua, com a enxurrada de novidades a revelar-se quando se vira e um novo mundo se forma nas suas costas. As paredes voltaram a mudar, embora ela estivesse a apontar-lhes a câmara o tempo todo. Sente-se lúcida — talvez nesta versão do mundo tenha bebido menos na noite anterior ou talvez as coisas comecem a fazer sentido. Ouve-se um som lá em cima.

— Como é que se está aí em cima? — chama, perguntando-se quem irá responder.

CAPÍTULO 4

— É um sótão, porra, como é que queres que se esteja?! — riposta um homem. Uma pilha de toalhas cai pelo buraco, indo parar ao fundo da escada e espalhando-se pelo chão.

Ela observa o marido (o sexto?, sétimo?) a emergir de costas, de ténis, calções de corrida, *t-shirt*, uma daquelas braçadeiras para levar o telemóvel enquanto se corre.

É um homem alto e pálido, e está zangado com qualquer coisa. Começa a apanhar as toalhas e a dobrá-las e a empilhá-las no quarto de hóspedes; depois volta-se para sair, mas Lauren segue-o. Ele detém-se e espeta o queixo, esperando que ela o deixe sair.

— Faltam duas toalhas — diz ela, desobstruindo a porta. Vai mandá-lo lá para cima e substituí-lo por um marido mais bem-disposto.

— As toalhas são minhas, foda-se, eu é que sei quantas são!

— Tenho a certeza de que eram seis.

— Bem, estás enganada.

Pronto, está bem.

— Então talvez pudesses ir buscar a... hum... a toalha de mesa?

— O quê, agora já queres usar toalhas de mesa?

Tanto quanto saiba, não tem qualquer opinião sobre toalhas de mesa, mas pelos vistos elas são, de alguma forma, um assunto melindroso para este marido. Pelos vistos, muitas coisas devem ser assuntos melindrosos. Não há como convencê-lo a fazer seja o que for, percebe: não vale a pena pedir-lhe que vá ver o que são

uns sons lá em cima nem dizer-lhe «leva só esta caixa»; não vale a pena prometer-lhe uma bonita surpresa.

Estão zangados, supõe. Ele vai à casa de banho, e ela olha em volta em busca de um nome, alguma coisa com que se orientar, mas ele só desaparece por um momento, nem sequer fecha a porta, e depois vai à cozinha buscar uma garrafa de água ao frigorífico e volta para o patamar. Pára.

— A que horas é que eles vêm? — pergunta.

— Eeh. Não sei.

— Bom, então descobre — diz.

Os passos dele são pesados nas escadas; a porta ao fundo bate com força, seguida depois pela da rua. Ela dirige-se para a sala, vê objetos novos por todo o lado e espreita pela janela: vê-o a caminhar, depois a estugar o passo e a acelerar pela estrada fora, afastando-se da casa e começando a correr.

O apartamento está novamente vazio. Mas tudo lhe parece errado. Na sala, o sofá original reapareceu, mas a mesinha de centro da loja de velharias que tanto se orgulha de ter encontrado por dez libras desapareceu, a amolgadela na parede da cozinha voltou, a televisão é mais pequena, as almofadas são estranhas. Centenas de minúsculos sinais de um novo marido. E não gostou nada deste.

Vai ver as mensagens. Deve ser o Kieran.

Depois abre a pasta das fotos e percebe que o vídeo que tentou fazer da sua descida do sótão não está lá. E é pior do que isso, porque na galeria de imagens encontra a oficina de cerâmica de Elena e o primeiro bar, mas não o segundo nem o restaurante de frango frito. Pelo que vê no telemóvel, ela voltou para casa cedo.

Percorre as mensagens, lê e não só não encontra as missivas noturnas de Elena como não vê nenhuma dela ao longo de semanas, nada de Maryam exceto um recado sobre uma encomenda que foi parar à sua casa, absolutamente nada de Toby. Algumas de Zarah, do trabalho. Umás mensagens regulares de Nat, mas sem

conselhos, sem instruções, sem *links* para artigos que ela devia ler; só um «A pensar em ti, temos de nos encontrar» ou fotografias dos miúdos.

Quando se vê ao espelho, está seguramente mais pálida do que devia estar por essa altura do verão, mais pálida do que estava na véspera, e alguma coisa no cabelo, apanhado num coque, parece estar mal. Solta o elástico. Sim: normalmente tem o cabelo cortado pelos ombros, mas agora cai-lhe uns oito ou dez centímetros mais abaixo, e, de alguma maneira, é isto que torna o mundo intolerável e lhe provoca uma tontura, ainda que não esteja, nesta versão do mundo, de ressaca. Sente-se atónita com o seu próprio corpo, encolhe-se, sente os dedos a tremer, arrepios, um vazio no estômago que sobe e lhe chega ao peito.

Quer tão absolutamente que aquele cabelo comprido e errado desapareça que pensa em pegar na tesoura da cozinha e cortá-lo ali mesmo. Mas, em vez disso, volta a prendê-lo. O marido há de ir embora, e o cabelo com ele.

Claro que toda a gente tem dias maus. Toda a gente grita, por vezes, com a pessoa com quem vive, pelo menos é o que Elena lhe diz; a própria Lauren ficava-se pelos comentários sarcásticos, e a sua relação com Amos, a mais longa que tivera, terminara calmamente num dia, quatro anos antes, quando ele estava para se mudar para ali, mas, em vez disso, lhe ligara da fila de uma montanha-russa em Alton Towers para lhe dizer que pensava que estavam a ir demasiado depressa.

Mas nada naquele casamento lhe parecia bem.

E, se quer livrar-se daquele tipo, não tem tempo para se perguntar o que se está a passar nem para se recusar a acreditar nisso, para se beliscar, para ligar a uma amiga, de entre o seu grupo reduzido de amigas.

A situação, por mais inédita que seja para ela, é clara. Foi-lhe dado um marido, e, sempre que esse marido sobe ao sótão, é

substituído por um marido diferente. De onde vêm os maridos, quantos são, como se chamam: pode lidar com esses mistérios na devida altura. Mas a mecânica básica é inegável, e é igualmente inegável o facto de o atual marido ser... bem, talvez seja mais seguro dizer simplesmente *uma bosta*.

De volta ao patamar, o sótão paira acima dela como uma ameaça. Mas ela tem um plano.

Encontra uma coluna na cozinha, um cilindro cinzento, e liga-o ao seu telemóvel. Desligar o *bluetooth*, ligar novamente o *bluetooth*, carregar num botão, Esquecer Este Dispositivo, começar de novo todo o processo. Começa a preocupar-se, atenta à porta, mas a conexão finalmente funciona. Levou, o quê, quatro minutos? Cinco? Tudo bem. Tem tempo.

Muito bem, segunda fase. Sobe a escada, um pé, depois o outro, um degrau e mais outro degrau. Transporta a coluna numa mão. Isto é seguro, diz a si mesma, tentando dominar o medo. Os maridos só mudaram quando entraram por completo. Mas tem a outra mão bem fechada em volta do último degrau e depois respira fundo e enfia a cabeça na escuridão.

E: é o seu sótão.

Na penumbra há apenas mobília e caixas e uma forma escura que só depois de pestanejar várias vezes consegue perceber tratar-se de uma árvore de Natal meio desmontada. Não vê nenhum Michael, nenhum homem nu com um traseiro incrível, nenhum Anthony, nenhum tipo atraente com um ar confuso. Não vê maridos congelados encostados às paredes, nem uma porta dourada por onde possam entrar e sair, nenhuns farrapos de fumo verde, nem fantasmas sentados em volta de uma mesa a jogar póquer pela oportunidade de sair do sótão. Não vê figuras penduradas de pernas para o ar nas vigas, como morcegos, e a respirar, inspira, expira, inspira, expira, em unísono. Nem corpos empilhados como tapetes prontos a desenrolar-se para a vida.

Só o sótão, e a lâmpada, que começa, decididamente, a iluminar-se um pouco.

Muito bem. Prioridades. Passaram... dez minutos desde que Kieran saiu? Doze? Quanto tempo tem?

Estica-se o mais que consegue sem dar outro passo em frente. A luz anima-se no teto. A coluna solta uns estalidos quando a pousa no chão e depois a empurra. Desce a escada para ir buscar um guarda-chuva e usa-o para empurrar a coluna mais para dentro, para fora do alcance de um braço, e ouve outro estalido de estática quando a empurra pelo chão empoeirado. Suficientemente longe para que ninguém a consiga alcançar sem entrar no sótão.

Depois volta a baixar a cabeça e respira fundo no patamar. A luz em cima dela enfraquece.

Desce a escada e tenta fazer a transmissão do telemóvel para a coluna. Em cima, irrompe a *playlist* da véspera, canções que as amigas de Elena adicionaram durante o ateliê de cerâmica.

Abre o YouTube em busca do tipo certo de barulho.

Encontra-o.

De volta à sala, vê se Kieran já surgiu na estrada lá fora. Não procura no telemóvel fotografias do casamento, provas da sua vida em conjunto. Seja qual for a situação ali, vai resolvê-la. Não precisa de saber.

Passam quinze minutos, depois vinte. Vinte e cinco. Ela detesta correr, a visibilidade da coisa, o trânsito, as pessoas que passam mais depressa; não sabe quanto tempo deve demorar uma corrida, mas não deveria ele estar já a regressar? Deverá aparecer no cimo da estrada, a não ser que tenha dado a volta pela viela.

Que foi o que ele fez: vê-o por fim, a meio caminho entre a viela e a casa. Leva um momento a reconhecê-lo. Afinal de contas, passou apenas uns breves minutos na sua companhia. Estava à procura de um homem pálido a correr, mas ele vem a caminhar, depois apoia-se com as mãos nos joelhos, de seguida volta a endireitar-se, todo vermelho. Tem um minuto, talvez dois.

Sente-se calma. Aquilo vai funcionar. Vai funcionar, não vai? E se o sótão recusar a troca? E se ela só tiver direito a sete maridos e Kieran for o derradeiro? O sete é um número de contos de fadas, o sete parece ser o tipo de coisa que pode ser a verdade.

Não. Vai pensar nisso se se verificar; por agora, não tem outra hipótese senão confiar no sótão. Põe o vídeo a correr, e há um anúncio: «Vale a pena pagar mais por Hello Fresh? Absolutamente!» Mas depois pode ignorar o anúncio, e há o som de água ou, como lhe chama o título do vídeo, «Duas Horas de Canos Rotos Queda de Água Murmurante Relaxante», a tocar pelo alçapão aberto, e, sim, quando põe o volume no máximo, consegue ouvir pelo apartamento: um gotejar, um jorro, um chocalhar.

Corre para o quarto, entra e fecha a porta. Ia enfiar-se debaixo da cama, mas é uma cama diferente, sólida até ao chão. O roupeiro, então; as roupas de Kieran também ali estão, e o cheiro de um detergente desconhecido, tudo errado, mas não é altura para ser esquisita.

Enrosca-se no fundo, puxa os casacos pendurados para a sua frente, instala-se de forma a poder fechar a porta, uma perna estendida na sua frente, esperando não ter câibras. Maciez e escuridão, com apenas uma tira de luz. Som de água a escorrer, abafado mas ainda audível desde o sótão. E a porta ao fundo das escadas — sente as reverberações quando ela fecha e ouve os passos do marido a subir e depois, quando ele chega ao patamar, a sua respiração, sonora e rápida.

CAPÍTULO 5

— Não podias ao menos ter fechado a merda do sótão?! — ouve-o bradar. Depois ele vai à cozinha; o ruído de uma torneira a multiplicar os sons de água. — Lauren — chama ele.

A porta do quarto abre-se, mas ele não entra. *Ouve o barulho*, pensa ela. *Ouve o sótão*. É agora mais audível, com a porta do quarto aberta. Ouve um ranger que pode ser da escada, e depois outro; talvez ele esteja a subir, embora provavelmente não o suficiente para mudar, talvez nem sequer o suficiente para espreitar lá para dentro. Pensa na luz da coluna e se isso irá denunciar tudo.

— Lauren — ouve-o chamar novamente.

Vá lá, pensa ela, *é barulho de água no teu sótão, não vais investigar?*, mas depois o telemóvel acende-se com uma chamada dele, iluminando as roupas e as suas próprias mãos e o interior da porta do roupeiro; e em cima, no sótão, ouve-se o toque ser transmitido pela coluna, sonoro, *biddle-di-biiiiip, biddle-di-biiiiip*. Foda-se, *foda-se*.

Encosta o telemóvel de face para baixo no joelho para esconder a luz, mas o ruído continua; volta a virá-lo e tenta pô-lo no silêncio, sem sucesso.

— Que raio, Lauren! — ouve o marido dizer, a voz a vir de fora do quarto, e depois outra vez estática transmitida no sótão, meio segundo depois, e desta vez consegue desligar o telemóvel e tenta repor os sons da água, mas deve ter-se enganado, porque recomeça a *playlist* da despedida de solteira, The Veronicas, a tocar bem alto acima dela.

Carrega no *stop* e fica imóvel enquanto o ouve praguejar de novo e subir a escada e — sim — parar alguns passos acima e depois recomeçar de novo.

E outro passo. E outro.

E a estática, depois um estalido forte, mais alto do que o habitual. E ouve alguém descer.

Funcionou. Tem de ter funcionado.

— Ei. — É a única coisa que diz, mas ela tem quase a certeza de que não é ele. E, mais uma vez, do patamar: — Lauren? Onde é que te meteste?

Desta vez é evidente: as vogais, o ritmo da voz. Um novo homem. Ela cai do roupeiro, deixando tombar um velho casaco, desalojando camisas e vestidos, arrastando um atrás dela enquanto atravessa o quarto novamente diferente e saindo para o patamar, onde abraça, com força, o novo marido, que é da sua altura, ou talvez um pouco mais baixo, e está sem camisa, revelando uma tatuagem de hera a contornar-lhe o ombro e fazendo dele, nesse momento, o primeiro marido cujo peito já tocou. O cabelo dela chega agora até aos ombros, novamente do tamanho certo, e o soalho é macio debaixo dos pés.

— Então, olá — diz o marido, e ri-se.

Ela recliná-se para trás para olhar para ele. Vê as rugas nos cantos dos olhos; o cabelo é curto e cai em caracóis soltos, como um maciço de flores. Usa calças de ganga e sapatos de lona. É sólido, bronzeado, cheira a terra e à luz do sol. Não consegue perceber que idade tem, embora os olhos sugiram ser mais velho do que ela. A mudança de marido não pode ter afetado o tempo, mas o patamar está luminoso. Talvez seja do soalho ou das novas paredes amarelas.

— Olá — diz ela, e sente-se sorrir.

— Queres um café? — oferece ele, sorrindo também.

— Adorava um café. — Não tinha chegado a beber nenhum do chá que ela e os outros maridos tinham passado de mão em mão.

O marido ri-se de novo, como que divertido com aquele entusiasmo que ela tenta controlar mas não consegue, porque funcionou, livrou-se de Kieran, e o sótão ofereceu-lhe aquele jovial trazedor de café. Ela afasta-se um pouco do seu tronco nu, um tanto embaraçada.

— Queres beber no jardim? Levo-o lá para fora.

— Perfeito — replica ela. O jardim! Sempre quisera usar mais o jardim.

Recua novamente para observar tudo. O apartamento, embora pareça mais luminoso do que antes, está uma confusão: papéis na bancada da cozinha, toalhas numa cadeira ao canto, cabos elétricos, uma caixa de latas vazias à espera de ser levada para a reciclagem.

— Ei — diz ela —, não vais voltar a subir, pois não? — pergunta, acenando com a cabeça na direção do sótão.

— Ah, não, já acabei — responde o marido. — Desculpa, devia ter fechado.

— Ótimo. — Ela empurra a escada. — Não vás. Promete-me que não voltas a subir.

Ele fita-a.

— O que é que se passa?

— Nada — diz ela. — Mas nada de sótão por hoje, está bem? Nem amanhã. Tive um... uma espécie de premonição de que caías. Por isso, mantém-te longe dele.

Ele ri-se.

— Prometo. Nada de sótão.

A alcatifa desapareceu das escadas, mas há um tapete verde ao centro. E, quando ela se dirige para as traseiras, encontra um arco de talvez-rosas e sai, dando por si num verdadeiro jardim.

Flores e relva e uma mesa de madeira. Uma dúzia de passarinhos castanhos que levantam voo quando se aproxima. No canto ao fundo, uma grande caixa vedada a rede, com ramos lá dentro e uma ave preta a debicar nos buracos. A cerca que separa

o seu lado do jardim do de Toby e Maryam é uma treliça de madeira, mais alta e toda coberta de trepadeiras, algumas verdes, outras com aglomerados de minúsculas flores brancas, outras ainda a transbordar de longos cachos púrpura; mas há um portão ao meio, a ligar as duas metades.

Lauren consulta o telemóvel, e as mensagens para as amigas regressaram, as suas aventuras da noite anterior. Até um Uber para casa, em vez do autocarro. Espera, agora é rica? É proprietária de metade do apartamento, claro; ela e Nat herdaram-no juntas da avó. Por isso, sim, é suficientemente rica para saber que não deve queixar-se de dinheiro à frente das amigas. Mas rica a ponto de gastar descontraidamente quarenta e cinco libras numa viagem para a zona 4? Talvez!

Tira uma foto do seu novo jardim luxuriante, das cadeiras, das árvores, das trepadeiras.

Maryam aparece à porta ao lado com um cesto de roupa e vai recolher panos de cozinha da corda de estender.

— Olá — saúda Lauren. — Que dia lindo!

— Oh, olá — diz Maryam. — Sim, está bonito, não está? — Ergue o olhar para o céu como se fosse uma surpresa.

Lauren sempre pensou que aquela era uma das razões por que Maryam e Toby funcionavam tão bem juntos: Toby notava, Maryam agia.

— Ei — diz Lauren. — Alguma vez tive um gato?

— Talvez — responde Maryam. — Pareces ser o tipo.

— Não, quero dizer, enquanto vivia aqui.

Maryam recolhe outro pano e olha para ela. Está sempre distraída, pensa Lauren, até não estar, e nessa altura, por um momento, é a pessoa mais importante no mundo. Ela sente-o: sente o clique quando Maryam transfere para ela toda a atenção, desconcertada.

— O quê? — diz. — Não, acho que não. Pois não?

Lauren pensa que é, de facto, uma pergunta esquisita.

Anos e anos à espera d'o *Tal*, e agora aparecem *203* de uma só vez...

Quando Lauren regressa a casa, no seu apartamento em Londres, é recebida à porta por Michael, que diz ser seu marido. Só há um problema: ela não é casada. Lauren nunca viu aquele homem na vida, mas, de acordo com as amigas, com as fotografias no telemóvel e com os seus documentos, eles estão juntos há anos.

Enquanto Lauren tenta perceber como pode estar casada com alguém que não se lembra de ter conhecido, Michael vai ao sótão mudar uma lâmpada e desaparece. No seu lugar, surge um novo marido, e uma nova vida, ligeiramente alterada, volta a formar-se em torno dela. Ao aperceber-se de que o seu sótão lhe está a criar uma fonte infinita de maridos, Lauren confronta-se com a questão: Se trocar de marido é tão fácil como mudar uma lâmpada, como é que se sabe que o que se tem agora é suficientemente bom? Quando se deve parar para começar a viver de facto?

*Um olhar original e divertido sobre
como navegar no amor e na vida num mundo
de opções intermináveis*

«UM DOS ROMANCES DE ESTREIA
MAIS DIVERTIDOS DOS ÚLTIMOS ANOS.»

The Sunday Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895831524



9 789895 831524 >